

**FABIANO TADEU GRAZIOLI
(ORGANIZADOR)**



A EXPRESSIVIDADE E SUBJETIVIDADE DA LITERATURA

Atena
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli

(Organizador)

A Expressividade e Subjetividade da Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E96	A expressividade e subjetividade da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-593-8 DOI 10.22533/at.ed.938190209 1. Criação (Literária, artística etc.). 2. Literatura – Estudo e ensino. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. CDD 801.92
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O que é expressivo e o que é subjetivo na literatura? A expressividade e a subjetividade são elementos indissociáveis na construção da obra literária? Se tomamos a expressividade como a capacidade de utilizar a palavra em um nível que a desvincula do pragmatismo da língua, como ela se manifesta nas obras que chamamos de literárias justamente pela capacidade de seus criadores operarem com cuidado tal elemento? E se tomamos a subjetividade como a manifestação do sensível, como ela se transfigura na literatura e opera, justamente no nível da expressividade, da construção dos textos artísticos? A expressividade e a subjetividade são elementos que compõem as obras que procuram alcançar o público adulto ou são intrínsecas também na construção da obra pensada para o público infantil e juvenil? A expressividade e a subjetividade devem ser observadas e mesmo definir os princípios que envolvem a mediação de leitura, já que percebê-las é um fator determinante na recepção da obra? As características da literatura focalizadas nessa obra ultrapassam o texto impresso e migram para outras linguagens, como a dança, o cinema e os gêneros textuais que as redes sociais abarcam?

Essas e muitas outras questões em torno do título da chamada para a presente obra inspiraram pesquisadores de diversas instituições brasileiras a escreverem os textos que a compõem, muitos assumindo as reflexões com as quais abrimos esta Apresentação, outros simplesmente inspirados por elas.

O entendimento muito particular das questões levantadas anteriormente levou ao desdobramento do título da chamada – e da obra – em trabalhos de temáticas variadas, e que, por vezes, entrecruzam-se, haja vista abordagens parecidas, o aproveitamento dos mesmos aportes teóricos, o estudo de obras de mesmos autores ou autoras ou épocas, ou, então, a pesquisa sobre obras destinadas ao mesmo público. A divisão que propomos ao organizarmos a obra serve somente para melhor agruparmos os estudos em temáticas e para apresentá-los, tendo em vista alguma aproximação. Contudo, o Sumário que propomos é contínuo, sem as divisões que o leitor perceberá nesta Apresentação.

Nos primeiros seis textos, são abordadas importantes temáticas em obras escritas por mulheres, que trazem temas como a representação da memória, a escrita autobiográfica, o testemunho, as questões de gênero, entre outros. Na ordem em que aparecem na obra, eles abordam especificamente: a dimensão simbólica espaço-temporal na linguagem que compõe a narrativa *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector; a representação das memórias de tempos de grande sofrimento – a espera do marido que estava preso no campo de concentração de Buchenwald, no período da ocupação alemã na França – na obra *A Dor*, da escritora francesa Marguerite Duras; o fazer literário a partir do romance contemporâneo *Desamparo*, da escritora portuguesa Inês Pedrosa, com destaque para a utilização da memória na estrutura da narrativa, na História ou na fábula, lugar em que se cruzam o político e o biográfico de Portugal e do

Brasil; a análise da constituição do medo na narrativa fantástica *Lídia*, de Maria Teresa Horta, que resulta em uma releitura das relações de gênero, destacando a presença emudecida e silenciada do outro: a mulher; a escrita historiográfica de Elisabeth Badinter no seu livro *Émilie, Émilie*, com vista a discutir as representações sociais sobre o papel destinado à mulher no *status quo* do ocidente, via análise do cenário social no século XIII; o silenciamento do testemunho feminino em *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch.

Os três capítulos seguintes também tratam de obras literárias escritas por mulheres. O primeiro dos três aponta a marca feminina na composição de *Coletânea das Flores: poetizas do Pajeú*, subvertendo a hegemonia masculina na autoria da poesia popular nordestina e deixando em evidência a utilização de diversos recursos poéticos e a contribuição valiosa da escrita poética de mulheres que vieram para somar e ampliar o universo predominantemente masculino. O segundo trata da representação de Lisboa na literatura de autoria feminina, tomando, para isso, as obras de Luísa Sigeia, Teresa Orta, Ana Plácido, Guiomar Torresão, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. O terceiro fecha a presença da literatura produzida por mulheres trazendo à obra uma interpretação do conto *Ovo e a Galinha*, de Clarice Lispector, baseada em um viés epistemológico, relacionando a narrativa à filosofia de Kant, como uma teorização acerca da dualidade de conhecimentos possíveis, o cognoscível e o conhecimento das coisas em si.

Ainda na esteira das análises de obras literárias, um estudo demonstra a cena de escrita, que se dá na encenação do ato de escrituração, nos poemas *A faca não corta o fogo*, *Servidões* e *A morte sem mestre*, de Herberto Helder. Na sequência, são focalizadas as questões identitárias e de gênero literário no relato de vida indígena *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. O capítulo seguinte apresenta as correlações entre o som e silêncio com os momentos finais da incansável busca dos amantes da obra *Avalovara*, de Osman Lins, e as possíveis associações com o sagrado impregnado na tradição oriental do tantrismo. O capítulo seguinte trata de uma leitura sobre o conto *Insônia*, de Graciliano Ramos, que observa os aspectos estruturais de sua narrativa e possibilita estabelecer uma relação com os princípios que norteiam a literatura fantástica. No capítulo que é apresentado posteriormente, os pesquisadores realizam uma análise da obra *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, com objetivo de refletir sobre os personagens infantis que surgem nessa narrativa como figuras metonímicas do desnudamento humano, apontando para a condição de exceção daqueles que estão à margem de qualquer privilégio no contexto pós-belle époque. No fechamento dessa parte, evidencia-se um estudo da obra *Saudade*, do escritor Tales de Andrade, que recai na análise acerca da linguagem empregada pelo autor, a partir, principalmente, dos pressupostos teóricos de Alice Maria Faria, recuperados do texto *Purismo e coloquialismo nos textos infanto-juvenis*.

Pensar a expressividade e a subjetividade da literatura só tem sentido se o encontro entre obra literária e leitor, de fato, ocorrer. Assim, a obra que estamos a

apresentar abre espaço para alguns estudos que refletem sobre a mediação de leitura, a formação de leitores e a formação de professores. Dessa maneira, na sequência, dois pesquisadores realizam uma reflexão sobre a formação de leitores na infância, isto é, nas séries iniciais do ensino fundamental, com o objetivo básico de dialogar com as concepções teóricas e práticas que sustentam a formação de leitores nessa fase escolar, levando-se em conta os processos de alfabetização e de multiletramentos. Em seguida, tem espaço um capítulo sobre a construção dos sentidos do texto literário por crianças do 1º ciclo de formação humana. Com base nos dados recolhidos pelas autoras/pesquisadoras, é possível afirmar que as crianças mostram-se ativas participantes da interação propiciada pelos Círculos de Leitura (prática de mediação de leitura proposta pelo pesquisador Rildo Cosson), apontando aspectos interessantes nos livros, quando fazem previsões motivadas, sobretudo, pelas imagens. As análises também mostram a necessidade de mediação para que elas ampliem a compreensão de textos literários desafiadores, que exigem do leitor habilidades complexas, como a de realizar inferências. O estudo seguinte abre espaço para importantes reflexões sobre a leitura e a escrita no contexto da infância. Posteriormente, a obra traz um capítulo que reúne reflexões presentes em duas pesquisas – uma de mestrado e outra de doutorado –, cujo objeto comum é o interesse em pensar o letramento literário, tendo em vista a mediação e a recepção da literatura juvenil. No capítulo apresentado depois, a formação de leitores literários continua sendo focalizada, contudo em um trabalho que reflete sobre a literatura e formação inicial e continuada de professores leitores literários, o que nos leva a afirmar que a leitura literária deve ser pensada em campos distintos de atuação: junto aos pequenos e jovens leitores e junto àqueles que se preparam para mediar as práticas de leitura realizadas com os primeiros. Ganha espaço, na continuação da obra, um estudo sobre o Estágio Supervisionado Obrigatório, componente curricular central na formação inicial de professores e professoras.

Uma vez que não podemos conceber a literatura sem considerar o diálogo com as outras artes e linguagens, a obra encerra-se com quatro estudos, um sobre a relação entre um poema e a dança, dois sobre cinema e um sobre um gênero textual que tem comparecido nas redes sociais de maneira recorrente, o “meme”. No primeiro capítulo dessa última parte, é apresentado um trabalho investigativo de literatura comparada do poema *L'après-midi d'un faune*, de Mallarmé, e a notação coreográfica de Nijinsky inspirado no poema, também intitulada *L'après-midi d'un faune*. Adentrando na área do cinema, temos uma análise hermenêutica do percurso do personagem Che Guevara, de *Diários de motocicleta*, filme do cineasta Walter Salles, a partir do arcabouço teórico fornecido pelo conceito de “engajamento”, disseminado nos escritos de Jean-Paul Sartre e, mais especificamente, na entrevista *O existencialismo é um humanismo*, de 1945. O capítulo posterior é uma instigante reflexão sobre cinema, fabulação e educação infantil. Fecha a obra uma investigação sobre o gênero textual digital “meme” e sua importância para a tomada de consciência política, a partir da metodologia conhecida como investigação-ação.

Ao todo, são trinta e nove autores que compareceram a mais esta chamada da Atena Editora, alguns até assinando dois trabalhos na obra. Esperamos que o leitor que agora entra em contato com os capítulos perceba o entusiasmo que moveu um grupo tão grande e escolha os estudos de seu interesse para apreciação e leitura.

O organizador

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DA MEMÓRIA À IMAGINAÇÃO: DIMENSÃO SIMBÓLICA ESPAÇO-TEMPORAL EM <i>A CIDADE SITIADA</i> DE CLARICE LISPECTOR	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9381902091	
CAPÍTULO 2	7
ARQUIVOS DA MEMÓRIA EM <i>A DOR</i> DE MARGUERITE DURAS	
Maria Cristina Vianna Kuntz	
DOI 10.22533/at.ed.9381902092	
CAPÍTULO 3	15
REMEMORAÇÃO EM PROCESSO - INÊS PEDROSA	
Ulysses Rocha Filho	
DOI 10.22533/at.ed.9381902093	
CAPÍTULO 4	24
MEDO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA NARRATIVA FANTÁSTICA DE MARIA TERESA HORTA	
Ana Paula dos Santos Martins	
DOI 10.22533/at.ed.9381902094	
CAPÍTULO 5	32
MULHERES E AMBIÇÃO NA ESCRITA DE ELISABETH BADINTER	
Anna Christina Freire Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.9381902095	
CAPÍTULO 6	41
O SILENCIAMENTO DO TESTEMUNHO FEMININO EM <i>A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER</i> DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH	
Émile Cardoso Andrade	
Thayza Alves Matos	
DOI 10.22533/at.ed.9381902096	
CAPÍTULO 7	49
PERIGLOSAS: TRADIÇÃO E RUPTURA NA POESIA DO PAJEÚ	
Luiz Renato de Souza Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.9381902097	
CAPÍTULO 8	58
A CIDADE QUE NÃO É DE ULISSES, O PARAÍSO QUE NÃO É DE EVA	
João Felipe Barbosa Borges	
DOI 10.22533/at.ed.9381902098	

CAPÍTULO 9	69
CLARICE LISPECTOR E A EPISTEMOLOGIA: UMA ANÁLISE DE <i>O OVO</i> E <i>A GALINHA</i> A PARTIR DA <i>CRÍTICA DA RAZÃO PURA</i> , DE KANT	
Alexandre Bartilotti Machado	
DOI 10.22533/at.ed.9381902099	
CAPÍTULO 10	79
CENAS DE ESCRITA NO ÚLTIMO HERBERTO HELDER	
Roberto Bezerra de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.93819020910	
CAPÍTULO 11	87
EU, TU E NÓS: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E LITERÁRIAS EM <i>A QUEDA DO CÉU: PALAVRAS DE UM XAMÃ YANOMAMI</i>	
Juliana Almeida Salles	
DOI 10.22533/at.ed.93819020911	
CAPÍTULO 12	97
TRANSFIGURAÇÃO E SILÊNCIO EM <i>AVALOVARA</i> , DE OSMAN LINS	
Martha Costa Guterres Paz	
DOI 10.22533/at.ed.93819020912	
CAPÍTULO 13	110
A (DES)RAZÃO COMO ESPAÇO DO FANTÁSTICO EM “INSÔNIA”, DE GRACILIANO RAMOS	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
DOI 10.22533/at.ed.93819020913	
CAPÍTULO 14	117
A INFÂNCIA DESNUDA: A REGRA NA VIDA DOS AGREGADOS DA FAMÍLIA ALCÂNTARA EM <i>BELÉM DO GRÃO PARÁ</i> DE DALCÍDIO JURANDIR	
Rosane Castro Pinto	
Augusto Sarmiento-Pantoja	
DOI 10.22533/at.ed.93819020914	
CAPÍTULO 15	127
O PURISMO GRAMATICAL NA OBRA <i>SAUDADE</i> , DE TALES DE ANDRADE	
Rondinele Aparecido Ribeiro	
Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.93819020915	
CAPÍTULO 16	136
FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: PISTAS PARA MULTILETRAMENTOS	
José Teófilo de Carvalho	
Krisna Cristina Costa	
DOI 10.22533/at.ed.93819020916	

CAPÍTULO 17	151
A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO LITERÁRIO POR CRIANÇAS DO 1º CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Maria Elisa de Araújo Grossi Maria Zélia Versiani Machado	
DOI 10.22533/at.ed.93819020917	
CAPÍTULO 18	166
LEITURA E ESCRITA: UM MUNDO A SER DESCOBERTO PELA CRIANÇA	
Ana Lucila Macedo dePossídio Elinalva Coelho Luz	
DOI 10.22533/at.ed.93819020918	
CAPÍTULO 19	172
LITERATURA JUVENIL NA PERSPECTIVA DOS LEITORES E DOS MEDIADORES	
Eliana Guimarães Almeida Lívia Mara Pimenta de Almeida Silva Leal Maria Zélia Versiani Machado	
DOI 10.22533/at.ed.93819020919	
CAPÍTULO 20	186
LITERATURA E FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES LEITORES LITERÁRIOS: UM ENTRE-LUGAR OU UM NÃO-LUGAR?	
Cleudene de Oliveira Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.93819020920	
CAPÍTULO 21	202
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: LEITURA E RELEITURA DO PERCURSO FORMATIVO DOCENTE	
Rosileide dos Santos Gomes Soares Adelina Maria Salles Bizarro Kamila Kayrelle Barbosa Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.93819020921	
CAPÍTULO 22	216
A POÉTICA DE <i>L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE</i> : DOS VERSOS AOS PALCOS, O HÍMEN DE MALLARMÉ	
Thaís Meirelles Parelli	
DOI 10.22533/at.ed.93819020922	
CAPÍTULO 23	225
<i>DIÁRIOS DE MOTOCICLETA</i> : É POSSÍVEL SE FALAR EM CINEMA ENGAJADO NA CONTEMPORANEIDADE?	
Deise Quintiliano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.93819020923	

CAPÍTULO 24	236
CINEMA, FABULAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL	
Janete Magalhães Carvalho	
Sandra Kretli da Silva	
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni	
DOI 10.22533/at.ed.93819020924	
CAPÍTULO 25	242
O MEME ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL E SUA IMPORTÂNCIA NA TOMADA DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA	
Kleberson Saraiva dos Santos	
Stanley Gutierly Messias da Paz	
Erisvânio Araújo dos Santos	
Glaubia de Castro Amorim	
Carollaine Pinto de Souza	
Patrícia Ferreira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.93819020925	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

CINEMA, FABULAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL

Janete Magalhães Carvalho

Sandra Kretli da Silva

Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni

DOS CAMINHOS QUE BUSCAM MULTIPLICAR OS POSSÍVEIS SOBRE O PLANO DA EXPRESSÃO

O estudo objetivou, a partir de problematizações estabelecidas em redes de conversações no encontro entre professores, alunos e cinema, fazer a máquina de expressão gaguejar, fabular, para forçar o pensamento, colocando-o em movimento, como força estética e política da arte de transformação do ‘impossível’, apostando no uso de imagens fílmicas como disparadoras de modos mais potentes de viver as tramas do tempo no cotidiano escolar e, nesse sentido, enfocando a imagem como máquina de pensar e potência do devir.

Devir que se instala e perambula entre escrita e pesquisa, de(vir) escrever e pesquisar junto às reticências. Ambiente que se inventa no movimento do desejo que salta e mergulha através das imagens – imagens de cinema entrelaçadas a processos de fabulação, aprendizagem, movimento do pensamento numa pesquisa realizada junto a crianças de uma escola pública de educação Infantil.

O cinema, segundo Deleuze (1997), é um exercício de pensamento, com a ressalva de que não carece de conceitos, mas de sensações que produzem subjetividades, na medida em que causa um estado de estranhamento entre o olhar e o desenrolar da estória. É uma força que nos leva ao movimento do pensar, que propicia encontros, experiências, que nos possibilita a surpresa, o choque, a indagação.

Nos encontros com as crianças no campo de pesquisa, usamos as imagens-cinema como disparadoras para fazer a língua gaguejar (Deleuze, 1997), ou seja, para forçar o pensamento, colocando-o em movimento, produzindo o novo, a diferença. A intenção foi a de que as redes de conversações, produzidas a partir da imagem-cinema, intensificassem a gagueira da língua, gerando outros/novos modos de pensar, fazer e de viver a educação infantil, visto que ‘[...] a força de projeção de imagens, é inseparavelmente, política e estética’ (Deleuze, 1997, p. 148).

Assim, o desenho dessa escrita-experiência-pesquisa foi sendo delineado a partir dos movimentos do desejo produzidos no ‘encontro’: imagens, cinema, professores, crianças, pesquisadores, currículo, infância, pensamento, problematizações e experimentações. É no ‘encontro’ (Spinoza,

2008; Deleuze, 2002) que um corpo se define, aumentando a potência de ação, multiplicando os afetos e as afecções. Encontros a disparar, pelas redes de conversações, o impensado, o fabulado e/ou em fabulação de um povo criança por meio da máquina de expressão, provocando pensamentos, escritas, vidas em potência.

Fabular como a possibilidade de alcançar uma linha de transformação, por meio da expressão, em situações históricas que fazem aparecer qualquer mudança como impossível. Não a arte (técnica) do possível, mas a arte (transformação) do impossível e, portanto, também um verdadeiro programa político em que, pelo agenciamento de novas formas de expressão, ocorra a potencialização de um movimento de pensamento, de aprendizagem, de ação comum, no caso da educação infantil, de um povo-criança.

“O MENINO E O MUNDO” E OS MOVIMENTOS DE FABULAÇÕES NO COTIDIANO ESCOLAR

“O menino e o mundo” (filme de Alê Garcia) conta a história de Cuca – um menino que mora com o pai e a mãe em uma cidade do campo que vivencia o abandono do seu pai que vai para a cidade grande em busca de trabalho e de melhorias de vida. Mais adiante, o menino resolve ir à procura desse pai. Pelo olhar da criança, o filme apresenta possibilidades de se pensar a pobreza, a desigualdade social, a exploração dos trabalhadores, os processos de colonização, a falta de perspectiva de vida, a exclusão, mas também os processos de resistência e (re)existência...

Nesse filme-animação, o personagem principal é desenhado com um rabisco simples, sobre espaços brancos, que remetem a folhas de papel. Cores. Formas. Traços. Sons. Linhas. Máquinas-bicho. Tanques de guerra. São traços que, no interior da megamáquina de produção de subjetividade (PELBART, 2011), geram a força da singularidade a partir da simplicidade e ingenuidade. Em meio a processos de (des) territorialização, a vida insiste em perseverar numa positividade imanente e expansiva.

A partir dos encontros, as imagens-cinema produziram afecções engendrando agenciamentos de corpos vibráteis de professoras e crianças que habitam e compartilham o cotidiano escolar, com intensidades e desejos, compondo multiplicidades e diferenciações (CARVALHO; ROSEIRO, 2015). A experiência estética da imagem-cinema possibilita a reflexão criadora por realizar uma dupla função de invenção, pois, ao mesmo tempo em que proporciona um distanciamento, por se tratar de um filme, propicia uma aproximação:

A criança vê o mundo de uma forma tão colorida, e penso como o olhar do adulto muitas vezes aprisiona esse pensamento infantil. Dá vontade de ser criança sempre! É interessante quando o pai chega cansado do trabalho e o menino o puxa para conversar, brincar. As imagens do filme também nos levam a pensar o consumismo, a televisão, a mídia... (PROFESSORA 2).

A gente vai perdendo essa capacidade que as crianças têm de ver o mundo com um olhar mais mágico. Tudo para a criança é uma diversão. As relações tão

desiguais em que estamos imersos nos fazem buscar o que é imediato para nossa sobrevivência. A gente vai perdendo essa atitude da criança, vamos endurecendo, enrijecendo (PROFESSORA 3).

Temos que ouvir as crianças. Mas, para isso, você tem que entrar em relação com a criança. E tem tudo a ver com o que conversamos a respeito da infância que ocupa outra temporalidade. Eu perguntei, assim que comecei a trabalhar aqui, como que eram as aulas de Educação Física aqui, na escola. O que trabalhavam. Uma colega respondeu: “O tempo é que vai dizer”. Ou seja, é a criança na temporalidade dela quem vai dizer como será. Recordo-me de que estávamos com uma proposta de trabalhar com bolinhas. A proposta era que eles fizessem girar as bolinhas, e o que eles fizeram? Eles inventaram uma Árvore de Natal muito antes do Natal. Além de brincar com os movimentos das bolas, é claro! Ou seja, a professora se permitiu entrar no jogo do tempo da criança (PROFESSORA 3).

Imagens, movimentos, devires, acontecimentos, intensidades, encontros, desencontros, criação, desconstrução, abertura para novos devires. O que nos interessa é agarrar-nos a essas forças e potências que inventam e fabricam o devir-criança, o devir-docência e a infância da educação (KOHAN, 2007). E a língua pega delírio: Pássaros. Falta do pai. Bichos. Solidão. Peixes. Saudade. Pulos. Abandono. Voos. Borboletas. Cata-vento. Bichos que engolem gente. Sonho. Imaginação. Criação. Invenção. E o menino cria o mundo. Invenções nômades. Cria a vida em um processo intensivo de devir-criança: intensidades geradas na singularização, em vibrações e fabulações.

Eu não acho que o filme aborda apenas a criança que vê o mundo de uma forma somente colorida. O menino Cuca vê beleza, mas sente dor e se angustia... Aí vem a sensibilidade para percebermos como a criança tem sido invisível muitas vezes pela sociedade. Ela está ali, mas ninguém a vê, ninguém a percebe (PROFESSORA 4).

O filme “O Menino e o Mundo” mostra que não existe um modelo... Não é só o colorido da vida que o filme aborda. Mostra a vida, o real. A criança que se encontra na dúvida, na tristeza, mas isso não a impede de seguir... de criar, de inventar, de viajar. É com isso que a gente convive o tempo todo, com as diferenças, com as múltiplas experiências que temos e como nos afetamos e as vivenciamos (PROFESSORA 5).

Logo no início do filme, tem toda uma curiosidade presente. O menino mergulha na água. Ele brinca. E, assim, eu questiono: como eu brinco se eu estou enrijecida, se o meu corpo não se movimenta mais? O que me enrijece nesse cotidiano? Como eu brinco, se eu não tenho nem forças para acompanhar esse menino? Aqui, no nosso cotidiano, percebo brechas, aberturas, como a proposta de romper com o modelo de relatório avaliativo apresentado anteriormente e propor um relatório escrito e inventado por nós. Essa proposta é um convite para eu desendurecer, para eu me movimentar. Será que estamos abertos para outras possibilidades no nosso planejamento diário? Eu fico me perguntando isso (PROFESSORA 7).

Vivemos em tempos de crise das antigas ordens de representações e dos saberes e também de uma complexidade em relação às formas de produção de subjetividades. Existe uma variedade grande de sistemas maquínicos que incidem sobre as formas de

produção de enunciados, imagens, pensamentos e afetos.

Gallo (2014) se propôs discutir a respeito da questão: “O que pode uma imagem?”. O autor, inspirado em Deleuze, procura discutir alguma das múltiplas potencialidades das imagens. Diante dessa enxurrada de imagens que a vida nos apresenta, não podemos deixar de problematizar: como pensamos diante de tantas imagens? O que e como pensamos? O que é o pensar? “Pode a imagem devir-pensamento?” (GALLO, 2014, p. 14).

É uma imagem-sensação que pode devir uma imagem-pensamento, afirma Gallo (2014). Imagem-sensação que toca, provoca, afeta, causa, incomoda... E a língua teima em pegar delírio... Importa, nesse sentido, questionar: como entrar em relação às crianças, fugindo de tudo aquilo que aprisiona, que “[...] sufoca as potências de liberdade em nome de identidades, consciência e palavras de ordem” (LINS, 2012, p. 9) para apostar em uma aprendizagem sem reconhecimento? Como transcriar a educação (CORAZZA, 2013), abrindo os fluxos aos devires de um conhecimento nômade: aquele que vagueia, deambula, fabula, delira?

Hoje estávamos falando disto: como algumas escolas impedem as crianças de brincar e experimentar outras experiências. A escola fica dedicada a apenas um tipo de conhecimento que a impede de visualizar outras possibilidades que o próprio aluno produz, inventa e cria (PROFESSORA 5).

Por exemplo: em uma conversa com as crianças, perguntei: “Onde ficam as formigas?”. E esperando que eles fossem me responder: “No formigueiro, ou no jardim”, elas me surpreendem: “Na sua blusa, professora”. Eu já tinha me esquecido do dia em que as formigas me pegaram. A criança usa da liberdade e nós nos aprisionamos. A criança não nasce prisioneira; a gente é que aprisiona a criança e nos aprisionamos (PROFESSORA 7).

O que nos aprisiona é o conhecimento único, dogmático, achar que só existe uma verdade; quando eu não me permito ouvir a opinião do outro porque acho que a minha opinião é a mais certa e verdadeira, porque acho que já sei tudo. Quando eu não me permito mergulhar de cabeça como o menino Cuca fazia, cheio de curiosidades. Quem disse que o meu conhecimento é melhor ou pior do que o do outro? (PROFESSORA 1).

Como intensificar a vida na sua singularidade constituída no plano da imanência? Como intensificar o exercício do pensamento de modo a alargar os sentidos que produzimos nas escolas? Como intensificar a produção de currículos a partir do plano de imanência? O encontro com as imagens, com corpos, leva-nos à intensificação do afetar-se por “[...] alguma coisa de intolerável, de insuportável, de uma situação limite da vida” (MACHADO, 2009, p. 274). Assim, ao intensificar o sensível, procuramos abrir as possibilidades para pensar além dos clichês que nos impedem de produzir novos modos de ser, estar, fazer e de viver os cotidianos escolares, capturando de que maneira professores e alunos tecem as rasuras nos movimentos que os capturam, de que forma os acontecimentos cotidianos promovem o deslocamento, o desalojar para

novos devires.

E NA INTENSIDADE DA FABULAÇÃO DE UM POVO POR VIR...

Acreditamos que não há possibilidade de se concluir algo, de terminar, mas de provocar outras composições a partir da tentativa desta escrita, que é efêmera, transitória. A intensão, nessa provisoriedade, foi produzir uma escrita cheia de devir-intensidades a partir do encontro com as imagens. Retomando a noção bergsoniana de fabulação para dar-lhe um sentido político, Deleuze (1992) não só restitui toda a sua potência à arte, mas ao mesmo tempo a liberta dos compromissos assumidos com as filosofias da história, fazendo da mesma um problema político da alma individual e coletiva, onde, no caso, o pesquisador, o professor, as crianças, clamam por um povo do qual têm necessidade, e em cuja expressão uma gente dispersa nas mais diversas condições de opressão pode chegar a encontrar um vínculo aglutinante ou uma linha de fuga. Máquina do pensamento que provoca movimentos intensivos engendrados por força das afecções experimentadas pelos corpos, quando em agenciamento com as imagens-cinema: imagemcorpocomposição. Fluxos intensivos engendrados nas linhas de vida, que produzem subjetivações desejanter, singularidades nômades: máquina de fazer delírio com a intensidade da vida e abrir para a fabulação.

A potência da imagem-cinema possibilita a problematização do território-escola, que se define desmanchando, pois não é estático. O plano da vida, o plano da imanência, é atravessado por diferentes linhas, forças e formas, o que implica dizer que entrar em relação à escola é entrar em relação à vida, o que faz a língua pegar delírio. Pensa-se, cria-se, escreve-se, menos para assumir a expressão de certo grupo ou de uma determinada classe, que na esperança de que o agenciamento de novas formas de expressão possa convocar a gente a uma ação conjunta, a uma resistência comum, a um povo por vir.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Janete Magalhães; ROSEIRO, Steferson Zanoni. Inventando tempos outros com Bergson e Deleuze em coletivos escolares: a potência da imagem-movimento e da imagemtempo nas produções curriculares. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, v. 25, p. 83-96, 2015.

CORAZZA, Sandra. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre/RS: UFRGS; Doisa, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GALLO, Silvio. Algumas notas em torno da pergunta: “o que pode a imagem”. In: CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de; LEITE, César Donizetti Pereira; CHALUH, Laura Noemi (Org.). **Linguagens e imagens: educação e políticas de subjetivação**. Petrópolis/RJ: De Petrus et Alii, 2014.

KOHAN, Walter Omar. **Infância, estrangeiridade e ignorância: ensaios de educação e filosofia**. Belo

Horizonte: Autêntica, 2007.

LINS, Daniel. **Estética como acontecimento**: o corpo sem órgãos. São Paulo: Lumme Editora, 2012.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PELBART, Peter Pál. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

A cidade sitiada 1, 2, 3, 6
Alteridade 23, 29, 54, 74, 87, 165, 233
Anamnese 15
A queda do céu 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96
Autobiografia 7, 8, 9, 70

C

Cenas de Escrita 79, 80, 81, 83, 86
Cidade 1, 2, 3, 4, 6, 12, 16, 17, 19, 41, 50, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 104, 105, 118, 119, 120, 132, 144, 145, 176, 210, 233, 237, 248, 249
Cinema Engajado 225, 233
Clarice Lispector 1, 2, 3, 4, 5, 6, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78
Construção dos Sentidos 151
Cordel 49, 50, 57, 168

D

Dalcídio Jurandir 117, 118, 125, 126

E

Elisabeth Badinter 32, 33, 36, 37, 38
Escrita de si 87

F

Fantástico 24, 26, 28, 29, 30, 31, 110, 111, 112, 113, 114, 116

H

Herberto Helder 79, 80, 81, 86

I

Identidade 11, 15, 21, 27, 30, 35, 42, 61, 62, 89, 91, 96, 100, 119, 134, 135, 142, 167, 175, 189, 192, 200, 207, 208, 213
Imaginário 20, 32, 81, 112, 129, 191, 230
Inês Pedrosa 15, 16, 18, 20, 21, 22

L

Lisboa 16, 22, 30, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 78, 86, 164, 213, 224
Literatura de Autoria Feminina 58
Literatura Francesa 7
Literatura Indígena 87
Literatura Juvenil 130, 135, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180

M

Medo 3, 11, 12, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 45, 97, 245

Memória 1, 4, 7, 8, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 26, 27, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 81, 82, 84, 93, 119, 135, 138, 140

Modernidade 32, 89, 96, 120, 209, 216, 221

Mulheres 12, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 101, 146, 232

N

Narrativa Fantástica 24, 25, 110, 113

Narrativa Poética 1, 3, 4, 5, 6

O

Osman Lins 97, 98, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109

P

Poesia 5, 22, 49, 50, 55, 56, 59, 79, 80, 84, 86, 138, 216, 217, 218, 219, 223, 224

R

Relações de gênero 24, 25

Representações sociais 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40

S

Sertão 49, 50, 51, 54, 56, 57

T

Transfiguração 97, 98, 101, 106, 108

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-593-8



9 788572 475938